

O TRABALHO INFORMAL COMO ALTERNATIVA NO MUNDO DE TRABALHO ATUAL

Maria Goretti de Almeida
Larissa de Andrade Carmo
Seffra Renata Ramos da Silva¹

RESUMO

O trabalho informal nas ruas de Fortaleza tem se tornado uma alternativa de sobrevivência encontrada pelas pessoas que não conseguem se inserir no mercado formal de trabalho. Atualmente é crescente a vinculação de sujeitos sociais a essa nova composição do mercado de trabalho urbano, como estratégia para sair do patamar da exclusão social. Através de pesquisa bibliográfica procuramos conhecer as dificuldades efetivas encontradas, principalmente, pelos vendedores ambulantes, além de pesquisar os índices de desemprego estrutural. Podemos observar através da pesquisa que a instabilidade que os empregos oferecem é um dos principais motivos que leva ao desemprego. De forma que se continua viabilizando a inserção de centenas de fortalezenses à condições laborais precárias e desprotegidas socialmente.

Palavras chave: Mercado de trabalho. Trabalho informal. Vendedores ambulantes.

1 INTRODUÇÃO

Os trabalhadores informais se concentram, em sua maioria, nos grandes centros urbanos, vendendo vários tipos de mercadorias, desde utensílios básicos até equipamentos eletrônicos. Tudo isso por um preço mais acessível à população que não tem condições de pagar pelos altos preços que são impostos pelas grandes lojas.

É importante perceber o quanto se torna difícil o cotidiano desses trabalhadores que estão antes de tudo, vinculados a estas formas autônomas e desprotegidas de trabalho, pois são alvos de preconceitos, de violência, e claro, de uma subserviência a um sistema que, somente, explora e restringe os seus direitos deixando-os em condições ainda mais vulneráveis.

¹ Graduandas do 6º semestre em Serviço Social (UECE); E-mails: almeida-mg@hotmail.com, larissajate@hotmail.com, seffrarenata@hotmail.com.

O presente artigo vem abordar a temática do trabalho informal, partindo da concepção de trabalho criada e defendida, respectivamente, por Marx e Lukács. Sabemos que a categoria *trabalho* é o que funda o ser social, porém sob as relações capitalistas de exploração, produz alienação, destitui o homem da propriedade de sua força de trabalho, obriga o trabalhador a submeter-se a atividades ignóbeis e a qualquer preço (MARX, 1984).

O artigo fará uma análise do processo de redefinição do trabalho formal, a saber, a crise do emprego, ou, desemprego estrutural, ou seja, analisaremos os significados dos altos índices de desemprego que assolam o país. Diante dessa realidade, abordaremos as estratégias que muitos trabalhadores utilizam para garantir o seu sustento.

A pesquisa bibliográfica, ponto inicial para a realização desta pesquisa, consistiu no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa nos possibilitando um maior embasamento teórico.

Minayo (1994) coloca que:

A teoria é construída para explicar ou compreender um fenômeno, um processo ou um conjunto de fenômenos e processos. Este conjunto citado constitui o domínio empírico da teoria, [...]. Teorias, portanto, são explicações parciais da realidade. Cumprem funções muito importantes: colaboram para esclarecer melhor o objeto de investigação; ajudam a levantar questões, o problema, as perguntas e/ou as hipóteses com mais propriedade; permitem maior clareza na organização dos dados [...].

Iremos abordar as categorias: mercado de trabalho, trabalho informal e vendedores ambulantes. A pesquisa documental é realizada através da interpretação dos dados estatísticos e informativos. A pesquisa se propõe a identificar as condições de trabalho dos vendedores ambulantes na cidade de Fortaleza. Assim, cabe ressaltar que o campo em estudo produz um leque multifacetado de expressões da questão social e, portanto, corresponde a um campo de intervenção para o Serviço Social.

2 O TRABALHO

Segundo Sergio Lessa (apud LUKÁCS, 2007, p. 36), “[...] a categoria trabalho é a protoforma do agir humano”. Assim, o trabalho se torna essencial na vida dos seres humanos, pois ele é o meio para satisfazer as suas necessidades, é onde se constrói a identidade humana, além de inserir o homem e dinamizar a sociedade.

O trabalho garante a reprodução dos seres humanos, nele há a produção do novo; é também uma relação entre o homem e a natureza, pois é da natureza que ele retira tudo, tanto para suprir as suas necessidades básicas quanto o excedente, ou seja, o trabalho permite ao homem ir além de suas necessidades imediatas.

Para Marx (1989), o trabalhador ao longo do tempo vem se tornando cada vez mais uma mercadoria e ainda sofre com a forte exploração. Contudo, Marx (1989, p. 147) fala que “[...] o trabalhador decai a uma mercadoria e a mais miserável mercadoria [...]”, ou seja, o trabalhador produz a riqueza não para si, mas para o capitalista, assim há uma concentração de riqueza nas mãos de uma pequena parcela da sociedade. Dessa forma, a sociedade é dividida em quem possui os meios para a produção e aqueles que vendem a sua força de trabalho para esses proprietários, assim a força de trabalho se torna uma mercadoria.

Segundo Marx, o trabalho permite que tanto se produza mercadorias quanto os homens e o trabalho se transformem também em meras mercadorias que conseqüentemente, tem o objetivo de serem vendidas. Com isso, o que se percebe é várias contradições nesse sistema capitalista, pois quanto mais o trabalhador produz menos ele pode tomar posse desse objeto produzido devido esse produto ficar sob o domínio do capitalista. Assim, há um constante desgaste do trabalhador para enriquecer o capitalista e não a si.

Marx nos lembra de que cada vez mais a lógica capitalista faz com que nem mesmo as necessidades básicas dos trabalhadores sejam supridas, como um bom salário para poder proporcionar uma melhor qualidade de vida, melhores condições de trabalho, menos exploração, ou seja, o capitalista tem o foco mesmo é na exploração para poder lucrar e não está preocupado com o trabalhador. Assim, o trabalho se torna uma mortificação.

Diante disso, Marx fala que a alienação faz com que o homem não se reconheça como gênero, assim ele vive em busca dos seus objetivos individuais, não tendo em vista que ele faz parte de uma dimensão que compõe o todo que é o gênero humano e que possui uma essência.

Conforme Antunes (2001), no início dos anos 1970 o sistema capitalista começou a dar indícios de seu quadro crítico, assim houve a crise do modelo fordista-keynesiano, ou seja, estabelecia-se uma crise estrutural do capital.

De acordo com Gramsci (apud MAGALHÃES, 2004),

Era necessário criar [...] um novo tipo de trabalhador. Mesmo com a remuneração oferecida havia grande resistência por parte deles a linha de montagem, já que se tratava de um trabalho repetitivo e que exigia poucas habilidades manuais (GRAMSCI, apud MAGALHÃES, 2004, p. 38).

Com isso, buscando-se novas formas para se reorganizar e ainda continuar dominante, o capital encontrou como saída o neoliberalismo que significou uma nova roupagem do liberalismo. De acordo com Antunes (2001, p. 47) “o capital deflagrou, então, várias transformações no próprio processo produtivo [...] onde se destaca especialmente o “toyotismo” ou o modelo japonês”.

Conforme Harvey (apud MAGALHÃES, 2004, p. 39) “a acumulação flexível vem para romper com a rigidez dos mercados de trabalho e a produção fordista, visando atender as exigências do mercado consumidor mundial”.

Com o neoliberalismo houve a fragmentação da classe trabalhadora, o acirramento das desigualdades e aprofundamento dos níveis de pobreza e exclusão social, a desregulamentação dos direitos trabalhistas, a reestruturação da produção e do trabalho, a precarização do trabalho, aumento do desemprego, prolongamento da jornada de trabalho, a valorização do capital, a intensificação do trabalho, desigualdades de salários, dentre outros.

3 ÍNDICES DE DESEMPREGO

Segundo resultados gerais da Amostra do Censo 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), considerando as pessoas com mais de 10 anos de idade, no Ceará 2.240.961 estavam empregadas das quais

1.024.959 não tinham carteira de trabalho assinada e 737.061 trabalhavam por conta própria.

De acordo com os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) realizada na Região Metropolitana de Fortaleza pela Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Social (STDS) e Instituto de Desenvolvimento do Trabalho (IDT), em fevereiro de 2012 houve um aumento do número de desemprego, isso ocorre pelo segundo mês consecutivo, passando de 8,1% para 8,5% da População Economicamente Ativa (PEA) que equivale a 153 mil pessoas.

Porém houve expansão do nível ocupacional que cresceu 0,7% o equivalente a 12 mil novas ocupações, estimando-se um número total de 1.649 mil pessoas em alguma ocupação. Esse número foi reflexo do aumento da demanda nos setores de comércio, serviços e outros setores.

Já em abril deste ano a pesquisa revelou que a taxa de desemprego e o nível ocupacional se mantiveram relativamente estáveis passando de 9,6%, em março, para 9,8% no mês de abril. A taxa de pessoas desempregadas que estavam em busca de trabalho aumentou de 6,5% para 6,9%.

Esses números revelaram que 178 mil pessoas estavam desempregadas, esse baixo aumento nos números se deu por causa da estabilidade de empregados. E em relação aos ocupados estima-se que foi de 1.636 mil pessoas, 4 mil a mais que no mês anterior, havendo um aumento no número de oportunidades no comércio (2,0%), na indústria (0,7%) e em outros setores (2,9%) e redução de ocupação nos setores de serviços (-0,8%) e construção civil (-2,4%).

Segundo dados da mesma pesquisa no mês de abril o número de trabalhadores autônomos cresceu 1,9% e 203 mil pessoas trabalhavam sem carteira assinada. O rendimento médio do trabalhador autônomo diminuiu 4,4%.

Apesar de a última pesquisa revelar uma relativa estabilidade nos números, a quantidade de desempregados ainda é consideravelmente alta. Os índices apresentados demonstram que a taxa de emprego e desemprego oscila de um mês para outro, e que muitas pessoas continuam fora do mercado de trabalho formal, isso faz com que elas busquem alternativas, como o comércio nas calçadas do centro da cidade gerando muitos vendedores ambulantes, que encontramos constantemente nas ruas.

4 ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

Segundo Antunes (2001)

[...] a sociedade contemporânea presencia um cenário crítico [...] a lógica do sistema produtor de mercadorias vem convertendo a concorrência e a busca da produtividade num processo destrutivo que tem gerado uma imensa precarização do trabalho e aumento monumental do exército industrial de reserva, do número de desempregados (ANTUNES, 2001, p. 16).

Com a elevação dos índices de desemprego, e o crescimento do exército industrial de reserva, a dificuldade de se ter um emprego formal, de não atender as exigências feitas pelo empregador, esses e outros motivos fizeram com que o número de trabalhadores informais aumentasse. O trabalhador vivendo um momento de necessidade, em busca de alguma renda para conseguir sustentar sua família, e sem ter um trabalho com a carteira assinada que o deixaria mais seguro, vai à busca de alguma atividade que lhe traga remuneração.

De acordo com Santos (2010),

Na atual fase de acumulação do capital, as transformações ocorridas no mundo do trabalho afetam, simultaneamente, sua organização e as relações sociais nas quais ela se insere, refletindo fortemente na relação entre trabalho formal e informal [...] (SANTOS, 2010, p. 17).

O trabalho informal se tornou uma alternativa, que pode até agradar ao trabalhador por algumas vantagens, como fazer seu próprio horário de trabalho, não estar sob a pressão de um patrão e a possibilidade de se conseguir uma remuneração maior do que com um trabalho formal onde também teria que seguir as regras do empregador e um horário determinado. Eleva até sua auto-estima, porque ele pode dizer que tem um emprego e passa a ter mais respeito do que alguém taxado como “vagabundo”.

Um dos motivos que faz o trabalho informal crescer é o fato de que ele é visto como uma possibilidade de enriquecer, enquanto no trabalho formal você pode passar toda sua vida em uma mesma função sempre recebendo um salário base

sem ter muitas expectativas de crescimento rápido. O trabalho informal vem com o sonho de que as coisas podem acontecer mais rápido, é o produto que eu estou oferecendo como fruto do meu trabalho e para quem está sendo oferecido, a criatividade que utilizo para aumentar as vendas, os meus rendimentos e conseguir manter um crescimento.

No Brasil essas alternativas de emprego se tornaram comuns, como a diarista, a costureira que trabalha em sua casa ganhando por produção, os vendedores ambulantes que se localizam principalmente nas áreas mais movimentadas das cidades, como no centro de Fortaleza e a região na beira mar.

Santos (2010) afirma que

[...] as características da informalidade no Brasil estão interligadas a problemas sociais como desigualdade e pobreza, uma vez que as pessoas que compõem a informalidade, em geral, são aquelas que não tiveram oportunidade de inserção no mercado formal (SANTOS, 2010, p. 17).

De acordo com um estudo publicado pelo Centro Internacional de Pobreza em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o trabalho informal está tirando mais pessoas da pobreza do que o trabalho formal, apesar de não garantir que ela não possa voltar à pobreza depois.

Vendo o crescimento dessa modalidade de trabalho se tornou evidente a necessidade de criar formas de legalizar essa massa de trabalhadores e diminuir a idéia de margem da lei que os acompanhavam. Então os trabalhadores ambulantes buscam ser cadastrados o mais rápido possível para que não tenham problemas com a polícia e a lei enquanto estão trabalhando.

5 VENDEDORES AMBULANTES

Nos grandes centros urbanos é cada vez mais freqüente a presença de trabalhadores de rua, que são conhecidos popularmente por “vendedores ambulantes”. Esses trabalhadores informais formam uma parcela crescente que operam nas ruas da cidade, nas calçadas e em outros locais públicos, vendendo de tudo, até mesmo equipamentos eletrônicos.

Em Fortaleza, o centro da cidade tornou-se um local de referência para o comércio, tanto formal quanto informal, e concentra hoje, grande parcela dos trabalhadores de rua da cidade. Segundo dados da Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF), no Centro de Fortaleza existem 970 trabalhadores cadastrados no Departamento de Comércio Ambulante de Fortaleza (DCA).

De acordo com pesquisas da Associação Profissional do Comércio de Vendedores Ambulantes do Ceará (APROVACE), 67% dos trabalhadores possuem o termo de permissão expedido pela prefeitura, enquanto 29% não o possuem e 4% não opinaram. Os trabalhadores que não são cadastrados ficam mais vulneráveis à situações de violência e opressão por parte da polícia nos momentos de fiscalização, quase sempre inesperado pelos trabalhadores.

Apesar de alguns desses trabalhadores verem vantagens nesse tipo de serviço, como poder fazer seu próprio horário e não ter que cumprir ordens de patrão, esses trabalhadores enfrentam algumas dificuldades como a falta de espaços seguros, o confisco de suas mercadorias, caso não sejam cadastrados na Prefeitura Municipal de Fortaleza, frequentemente são vistos como vagabundos que ficam atrapalhando o comércio convencional, além de não terem serviços básicos como banheiros, água e de algumas lojas cobrarem dinheiro para que eles possam permanecer em frente suas lojas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa sociedade neoliberal, onde há a intensificação da reprodução do metabolismo social do capital, a exclusão social surge a partir da não inserção do indivíduo nos modos de produção. Diante dessa exclusão e das constantes crises capitalistas que deflagra o trabalhador, criando um exército industrial de reserva-desemprego, as pessoas ficam mais subservientes às leis que regem o mercado de trabalho, e em busca de satisfazer suas necessidades mínimas, ou, essências para preservação da sua subsistência, procuram no trabalho informal, uma forma alternativa de garantir a proteção à vida.

Por mera ironia, essa proteção é o que lhe remete a uma desproteção social e econômica, os deixando às margens de uma sociedade neoliberal, onde as

contradições sociais foram ofuscadas devido à emergência das relações conflituosas entre homens e natureza, sob parâmetros capitalistas. E, portanto, o trabalho em todas as suas formas, deixa de ser um meio de subsistência mínima humana para ser uma forma exclusiva de reprodução do capital.

Trabalhar na informalidade é para muitos trabalhadores uma alternativa de sobrevivência, além de tirá-los das zonas de vulnerabilidade social. No entanto, é importante ressaltar que não é garantido que o trabalhador não retorne a essa situação. Esse tipo de trabalho gera maior alienação no trabalhador, devido as maiores precarizações e exclusões, ocasionadas pela ausência de proteções.

O engano os faz escravos de um sistema centralizador, competitivo e desigual, o capitalismo. Um sistema que expropria não apenas a mercadoria, mas o tempo, o lazer, a família, a inteligência, a criatividade e até a alma.

O mercado de trabalho, assim como o modelo econômico que o rege, partilha de inúmeras transformações ora impostas pelo homem, ora pela natureza, ora pela própria dinâmica da história que está sempre em um processo contínuo de construções, desconstruções, transformações e reinvenções.

A economia moderna prega hoje a flexibilização, ou flexi-tempo e alimenta a idéia de que o trabalhador informal pode ser mais livre e autônomo, que ele tem a disponibilidade de trabalhar em casa e produzir riquezas necessárias a garantir sua sobrevivência. No entanto, o que está sub-reptício é apenas um mecanismo de dominação e centralização do capitalismo.

Quando se pensa, portanto, na classe trabalhadora hoje, é preciso reconhecer esse desenho compósito, heterogêneo e multifacetado que caracteriza a *nova conformação da classe trabalhadora*: além das clivagens entre os trabalhadores estáveis e precários, homens e mulheres, jovens e idosos, nacionais e imigrantes, brancos e negros, qualificados e desqualificados, "incluídos e excluídos", temos também as estratificações e fragmentações que se acentuam em função do processo crescente de internacionalização do capital.[...] se estamos vivenciando o avanço da chamada era da mundialização do capital, podemos presenciar também uma fase de mundialização das lutas sociais do trabalho, nelas incluídas as massas de desempregados que se ampliam em escala global. Desse modo, um desafio maior da humanidade é dar *sentido* ao trabalho humano, tornando a *nossa vida também dotada de sentido. Instituir uma nova sociedade dotada de sentido humano e social dentro e fora do trabalho*. Este é um desafio vital em nossos dias (ANTUNES, 2008, p.11).

Precisamos admitir que a ausência de proteções que existem no mercado informal, deixa o trabalhador mais vulnerável às mazelas sociais, sem garantias ou

direitos viabilizados por leis, ou políticas públicas, pois a informalidade entra nas brechas da legislação trabalhista e as leis podem ser alteradas, isso quando se têm.

O trabalho informal, por não ter registros legalizados junto ao Ministério de Trabalho, e por não ter contribuição compulsória junto a Previdência Social é um tipo de atividade econômica, ausente de direitos do trabalho, ou seja, não oferece as garantias e benefícios que só um trabalho com vínculos empregatícios, carteira assinada, pode proporcionar, tais como: férias, décimo terceiro salário, hora extra remunerada, FGTS, licença maternidade-paternidade, seguro desemprego, vale-transporte, vale-refeição e outros direitos previstos na Consolidação das Leis do Trabalho - CLT.

Portanto, percebemos a importância dessa atividade para a economia e para a vida de muitos brasileiros e, principalmente, para os fortalezenses. Mas também, temos que compreender se esse trabalhador terá segurança no futuro. Por isso, é imprescindível a legalização dos registros junto ao INSS, a fim de que as contribuições possam dar ao trabalhador um escape da vulnerabilidade e da exclusão social e a garantia legítima de uma subsistência no porvir, ou seja, a tão almejada aposentadoria.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 5ed. São Paulo: Boitempo, 2001.

_____. **Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho?** Seminário Nacional de Saúde Mental e Trabalho - São Paulo, 2008.

APROVACE - Associação Profissional do Comércio de Vendedores Ambulantes e Trabalhadores Autônomos do Ceará. **Relatório Analítico acerca das pesquisas aplicadas junto aos ambulantes do centro de Fortaleza, do Centro de Pequenos Negócios dos Vendedores Ambulantes (CPNVA) e de sua Associação de suporte**. Fortaleza, dez. 2005.

CASTRO, Samara; SANTIAGO, Ilo Jr. **Informalidade ainda domina**. Diário do Nordeste, Ceará, 14 mar. 2010. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=750945>>. Acesso em: jun. 2012.

CUNHA, Aurineida Maria. **Trabalhadores de rua: tensões e resistências na luta pelo direito ao trabalho.** Universidade Estadual do Ceará.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO (IDT). **Pesquisa de emprego e desemprego na região metropolitana de fortaleza.** Abr. 2012. Disponível em: <<http://www.sineidt.org.br/PortalIDT/arquivos/ped/PED%20Abril2012.pdf>> Acesso em: 23 jun. 2012.

_____. **Desemprego e ocupação se mantêm estável.** Disponível em: <<http://www.sineidt.org.br/VerNoticia.aspx?noticia=4614>> Acesso em: 23 jun. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA (IBGE). **Resultados da amostra, censo 2010.** Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_Gerais_da_Amostra/tab6.pdf> Acesso em: 23 jun. 2012.

MARX, Karl. Legislação fabril. Cláusulas sanitárias e educacionais e sua generalização na Inglaterra. In: MARX, K. **O capital.** São Paulo: Abril Cultural, 1984. v. 1, t. II.

SECRETARIA DO TRABALHO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL. (STDS). **Estoque de empregos em fevereiro, na RMF, é de 1,649 milhão.** Disponível em: <<http://www.stds.ce.gov.br/index.php/listanoticias/387-ped>> Acesso em: 22 jun. 2012.